

Atos de vandalismo destroem escolas em todo o país

Não bastasse a crônica falta de recursos e as desastradas políticas educacionais, que destroem o sistema de ensino no país, a educação enfrenta um outro inimigo: a ação de ladrões e de vândalos que se dedicam a saquear e depredar escolas. São bando de marginais, adolescentes, os próprios estudantes e mesmo moradores que, quando não roubam, quebram vidraças, destroem bebedouros e peças de sanitários, danificam carteiras material escolar, e até destroem os prédios. O fenômeno é nacional e atinge sobretudo as escolas das periferias das grandes cidades, justamente onde está a população mais necessitada.

Os números são alarmantes. Em São Paulo, uma pesquisa constatou que 79,5% das 5.470 escolas oficiais espalhadas pelo estado foram saqueadas ou depredadas em 1987 — um ano depois o índice caiu para 40%, ainda um percentual eloquente. A Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro calcula que seriam necessários pelo menos NCz\$ 1 milhão por trimestre apenas para a recuperação de escolas vítimas de furtos e atos de vandalismo. No Piauí, das 136 escolas da rede estadual de Teresina, 81 foram depredadas no ano passado. O governo estadual do Maranhão tem gasto mais dinheiro reformando escolas danificadas pela fúria do vandalismo do que construindo novas unidades — este ano, está prevista a construção de nove estabelecimentos de ensino e a recuperação de 20 prédios. No Rio Grande do Sul, nenhuma das 3.000 escolas estaduais escapou de assaltos, furtos ou depredações. A diretoria de uma única escola de Salvador, o Colégio Edgard Santos, apresentou 32 queixas na polícia nos últimos dois anos contra a ação de vândalos.

Os governos estaduais e municipais declararam-se impotentes para impedir o vandalismo que sangra seus cofres, já tão exauridos. Alegam ser impossível destacar polícias e vigias para cada uma das desprotegidas escolas mantidas pelo poder público, mesmo cientes de que os gastos na prevenção provavelmente seriam bem menores que o custo das reformas dos prédios assaltados ou depredados. E também se esquecem de que só fala em falta de verbas para a educação quem não conhece os custos da ignorância.

Janela e telha — São muitas as explicações para a ação dos vândalos. "Credímos a expansão assustadora da depredação dos bens públicos à forma que a população encontrou para agredir os governantes, pois, infelizmente, permanece a imagem de que o bem público pertence ao governo.

Até salas são incendiadas

A ação de ladrões e vândalos contra as escolas públicas produz resultados e números alarmantes. Até dezembro do ano passado, a Fundação Educacional do Distrito Federal havia acumulado um prejuízo de cerca de NCz\$ 5 milhões com depredações em 72 das 456 escolas públicas da capital federal. E, com novas ocorrências nesses três meses e meio deste ano, os prejuízos chegam a NCz\$ 7 milhões. No ano passado, salas de aula chegaram a ser incendiadas na cidade-satélite de Ceilândia, em Cândangolandia e em Sobradinho. O mesmo fenômeno se dá em Salvador, onde a Escola Perminio Leite também foi incendiada e só não ficou totalmente destruída devido à ação dos bombeiros.

No Rio Grande do Sul, nenhuma das 3 mil escolas estaduais escapou de assaltos, furtos ou depredações, em maior ou menor grau, segundo garante o presidente da Associação dos Circuitos de Pais e Mestres do Estado, Jocelyn Azambuja. Só a Escola Estadual Presidente Roosevelt, em Porto Alegre, foi roubada quatro vezes nos últimos três anos. Na semana passada, a escola foi novamente arrombada. Os ladrões não levaram nada, mas quebraram vidraças, danificaram portas e material escolar. Do Colégio Júlio de Castilhos, foram roubados dois microcomputadores e 54 disquetes em março.

O governo do Piauí já gastou, este ano, cerca de NCz\$ 660 mil para reformar as escolas da rede estadual, depredadas e saqueadas por vândalos. Lá, a ação dos vândalos também é eloquente: de 136 escolas da rede estadual em Teresina, 81 foram depredadas por desconhecidos, que quebraram carteiras, janelas, vidros, telhado, e danificaram material escolar. Este mês, cerca de 25 mil alunos ainda estão sem aulas porque nove escolas, visitadas pelos vândalos, não oferecem segurança. Para tentar revertê a situação, o secretário de Estado da Educação, João Henrique de Souza, criou uma guarda especial, com 400 homens desarmados, para vigiar as escolas. Mas esse número ainda é insuficiente, pois no interior há 1.300 estabelecimentos de ensino desprotegidos.

No Maranhão, o governo estadual tem investido mais em reformas de prédios escolares do que na construção de novas unidades — esse ano serão recuperadas 20 escolas e construídas apenas nove. Só neste primeiro semestre, a Secretaria da Educação vai gastar NCz\$ 700 mil na recuperação de prédios. Em apenas um bairro, Cidade Operária, três escolas foram depredadas por ladrões que levaram madeira, aparelhos sanitários, portas, janelas e até telhas.

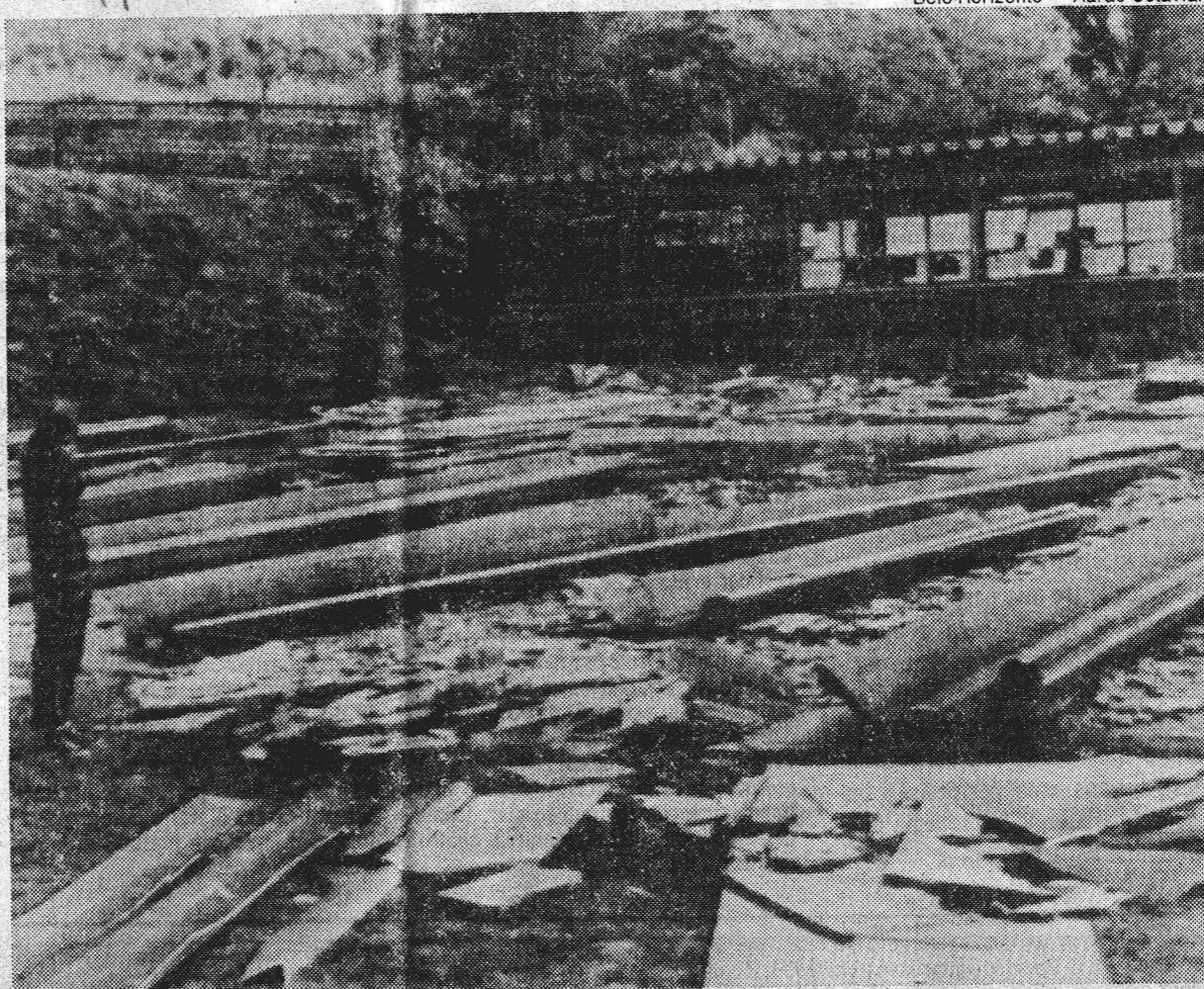
Em outro estado carente, como o Acre, os recursos que o governo gasta por ano para reformar as escolas depredadas seriam suficientes para construir outros quatro ou cinco novos estabelecimentos. Lá, segundo as autoridades educacionais, o vandalismo está estreitamente ligado ao tráfico e ao consumo de drogas — viciados se drogam à noite nas escolas e as depredam. A situação no estado é tão crítica que, por solicitação da Secretaria de Educação, a Polícia Militar vai destacar, a partir do próximo mês, dois soldados para montar guarda nas escolas, à noite.

Em Fortaleza, capital do Ceará, professoras de escolas da periferia, geralmente as mais visadas pelos depredadores, estão cansadas de esperar uma ação mais energética do poder público e, apesar dos miseráveis salários que recebem, estão pensando em se cotizar para pagar seguranças para defender o patrimônio. É o que ocorre, por exemplo, na Escola da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em outra escola, a Cura D'Ars, no bairro de Nossa Senhora das Graças, na periferia, as 1.535 alunas estão sem aulas — não sobrou uma telha no prédio.

Boa parte das 1.300 escolas da rede oficial de Pernambuco também não escapou da ação do vandalismo e, para reformá-las, o poder público gastou, no ano passado, NCz\$ 1,4 milhão. "Em muitos casos, antes da restauração estar concluída, as escolas são novamente danificadas e aparecem sem a fiação elétrica, sem peças dos sanitários ou com as vidraças quebradas", lamenta a secretária de Educação de Pernambuco, Silke Weber.

De 20 a 30 pedidos de recuperação de escolas desembaram mensalmente nos gabinetes das secretarias estadual e municipais de Educação do Alagoas.

Um muro construído durante o dia no Liceu Alagoano, em Maceió, desapareceu

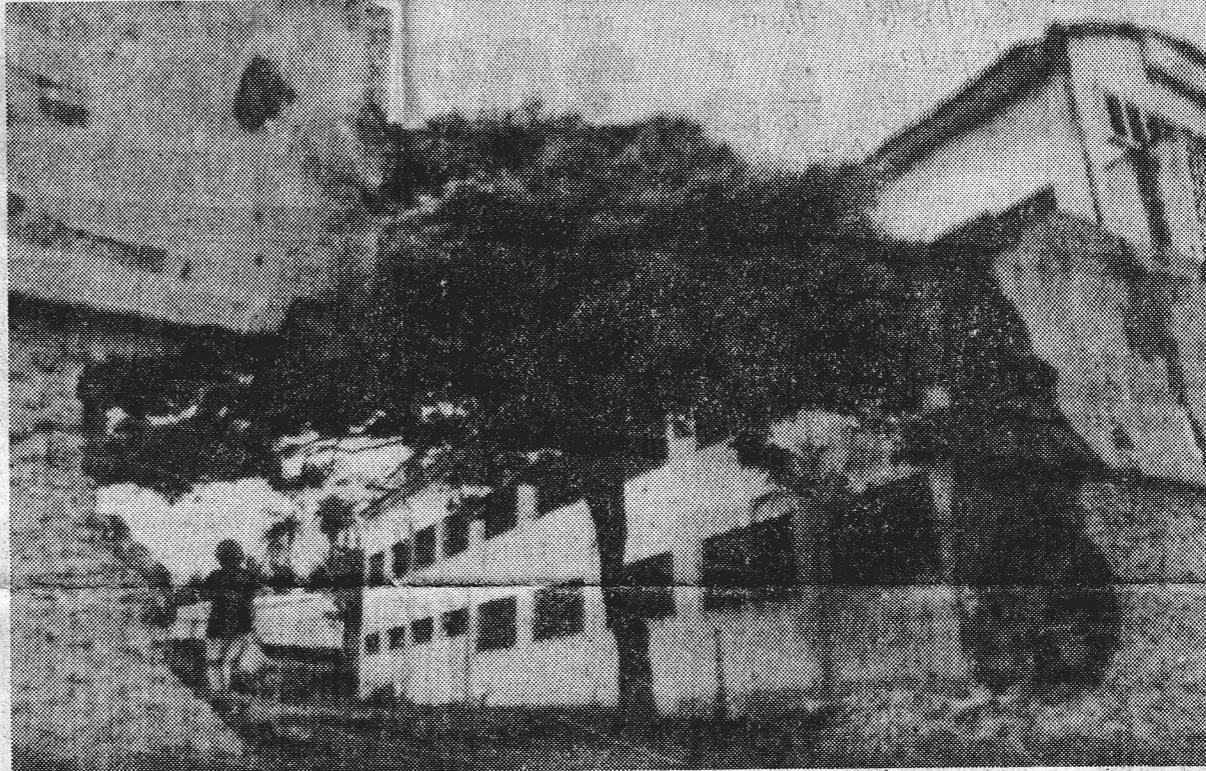


■ Durante as últimas festas escolares, a Escola Municipal Milton Sales, localizada no bairro de Jardim América, na Zona Oeste de Belo Horizonte, foi invadida por desconhecidos que saquearam sua cantina, quebraram vidraças, roubaram equipamentos. Acontecimento quase rotineiro nas escolas da periferia da

cidade, a depredação da Milton Sales talvez não chamassem atenção se não tivesse chegado ao extremo de ter algumas paredes derrubadas e seus tijolos roubados, provocando revolta da comunidade do bairro. Os moradores e professores cobraram ao prefeito Pimenta da Veiga, do PSDB, em

audiência no início de janeiro, provisórias para proteger a escola. Segundo a diretoria da União dos Trabalhadores do Ensino (UTE), Elizete Munhoz Soares, pais e professores se indignaram com a resposta do prefeito de que cabe à comunidade zelar pela escola.

Recife — Natanael Guedes



■ A Escola Estadual Pedro Celso, situada em Beberibe, na periferia do Recife, é o espelho da depredação sofrida por 79 escolas da rede oficial de Pernambuco. Pelo menos uma a cada semana é vítima da ação de vândalos. Sem portões, com mu-

ros e vidraças totalmente danificados e parte da instalação elétrica arrancada, a escola Pedro Celso, há cinco anos, está enclausurada entre grades como forma de proteção às depredações.

Assim como a Pedro Celso, as

outras 78 escolas, comumente, aparecem danificadas e têm provocado muitos transtornos à comunidade e ao próprio governo de Pernambuco, que, só no ano passado, gastou NCz\$ 1,4 milhão para recuperar parte dos 1.300 colégios da rede estadual.

Curitiba — Chumiti Kawamura



■ Não sobraram janelas, portas, teto ou paredes inteiras na creche Hortênsia, depredada na madrugada do domingo de Páscoa. A creche fica em uma vila pobre no bairro do Boqueirão, periferia de Curitiba, e foi fechada há um ano para reforma,

que não chegou a ser feita. O presidente da Associação de Moradores da Vila Hortênsia, Geraldo Rodrigues, conta que a creche, que atendia 120 crianças, está fazendo muita falta e postos de saúde na periferia.

dou em reconstruir o prédio: "Mas a gente vê que já ficam desconfiados porque a vila ganhou fama de violenta". Em Curitiba, o alvo preferido dos depredadores têm sido as creches e postos de saúde na periferia.

Ladrões levam as lâmpadas

A cada dia a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro contabiliza de 12 a 15 escolas roubadas ou depredadas. É um prejuízo considerável. Os cálculos indicam que seriam necessários NCz\$ 4.000.000,00 por ano somente para consertar os estragos causados pela depredação das escolas públicas. Apesar do primeiro trimestre desse ano foram liberados NCz\$ 1.000.000 para esse fim. Este dinheiro daria para fazer duas novas escolas com 10 salas de aula cada, com capacidade para atender 1.600 alunos.

Das cerca de 3.000 escolas do Estado, as mais atingidas são as da região metropolitana do Rio de Janeiro. Embora de uma maneira geral as depredações e roubos não cheguem a causar a paralisação das aulas, às vezes isso ocorre. É o caso da Escola Estadual Dom José Pereira Alves, na Vila Ipiranga, em Niterói. No ano passado ela ficou fechada para reformas devido a depredações. Foram gastos 14.000 OTNs (NCz\$ 8.638.000,00) em obras que não chegaram a ser concluídas. A empresa encarregada da restauração desistiu de terminá-la: todos os dias os operários encontravam destruído o que haviam feito no dia anterior.

A solução foi fechá-la de novo e transferir seus 250 alunos para outras escolas. Hoje suas portas estão trancadas, mas dentro ainda há marcas do vandalismo. Torneiras e vidros quebrados e telhas retiradas para dar passagem aos invasores. "Já foi pior. Tinha época em que a cisterna foi transformada em piscina e lavador de roupas", diz Celina Brandão, gerente geral do Núcleo de Educação Comunitária, de Niterói, órgão da Secretaria de Educação. Agora os moradores estão se organizando para tentar reabrir a escola e já colocaram um vigia no local.

Na ausência ou falta de condições do governo parece ser esta a melhor solução. Os moradores do conjunto Uruçuna, no subúrbio de Paciência, na Zona Oeste do Rio, estão seguindo o exemplo da Vila Ipiranga. Eles estão tentando pressionar a secretaria para que melhore as condições do Colégio Estadual Francisco Caldeira de Alvarenga, vítima do vandalismo de quem não tem consciência da importância das escolas e do descaso do poder público.

A Escola Estadual João de Camargo, no Sambódromo, onde há curso supletivo de primeiro grau, não está em condições tão precárias. Até que a ação dos vândalos ali tem sido moderada. Mas ela é vítima de um outro e curioso tipo de depredação: o roubo de lâmpadas.